

# [Histórias de sucesso podem ajudar meninas em carreiras científicas, diz ONU](#)

*Avaliação é da chefe da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka, em artigo sobre Dia Internacional para Mulheres e Meninas na Ciência, comemorado neste sábado; ela defende fim de estereótipos.*

**[\(Rádio ONU, 10/02/2017 - acesse no site de origem\)](#)**

“Gênero, Ciência e Desenvolvimento Sustentável: o Impacto da Mídia – da visão à ação” foi o tema de um evento de alto nível nesta sexta-feira na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque.

O encontro foi realizado na véspera do Dia Internacional para Mulheres e Meninas na Ciência, comemorado neste sábado, 11 de fevereiro.

***Leia mais:*** [Secretário-geral pede acesso igualitário das garotas à área das ciências \(Rádio ONU, 11/02/2017\)](#)

## **Esteriótipo**

Em um artigo para marcar a data, a chefe da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka, pergunta: “o que faz com que uma menina acredite que é menos inteligente e capaz que um menino?” E o que acontece quando essas crianças enfrentam matérias consideradas difíceis como ciência, tecnologia, engenharia e matemática?

No artigo, a chefe da agência da ONU cita um estudo recente que afirma que estereótipos de gênero sobre habilidade intelectual surgem cedo e influenciam os interesses das crianças.

Mlambo-Ngcuka afirmou que é preciso acabar urgentemente com os estereótipos dos ambientes onde as crianças brincam, aprendem e crescem.

## **Pesquisa**

A brasileira Ariadne Silva trabalha é pesquisadora em genética oral na Universidade do Texas. De Houston, ela contou à ONU News sobre sua trajetória profissional.

“Não me arrependo. Eu acho que é uma carreira dinâmica, o meu dia nunca é o mesmo. Um dia eu estou na clínica, no outro no meu laboratório, no outro sentada tentando averiguar os dados, escrevendo artigos científicos. É uma carreira muito dinâmica e muito divertida. Também eu interajo muito com os alunos no laboratório, tentando criar os investigadores do amanhã.”

## **Minoria**

Nesta semana, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, Unesco, lançou um relatório alertando que as mulheres representam apenas 28% dos pesquisadores do mundo. Elas também são minoria nas áreas de engenharia e de ciências da computação.

Os dados globais mostram que existem muitas variações em cada região do mundo. Por

exemplo, nas Filipinas e na Tailândia, 52% dos pesquisadores são mulheres, enquanto no Japão, elas representam apenas 15% no país, conhecido por sua alta sofisticação tecnológica.

A situação da América Latina é um pouco melhor: a Unesco explica que a região está prestes a alcançar a paridade entre homens e mulheres nas ciências, já que elas representam 44% dos pesquisadores.

*Laura Gelbert*

---

## **“Diante de um ambiente econômico incerto, empoderar as mulheres no trabalho é a chave”, afirma diretora regional da ONU Mulheres Américas e Caribe**

Esta semana, ministras da mulher de mais de 30 países latino-americanos e caribenhos estão, no Panamá, participando da preparação da sessão anual do principal órgão mundial em matéria de igualdade de gênero: a Comissão da ONU sobre a Situação das Mulheres (CSW, na sua sigla em Inglês). Neste ano, o tema prioritário é o empoderamento econômico das mulheres no mundo de trabalho, o qual está em mutação.

**(ONU Mulheres, 07/02/2017 - acesse no site de origem)**

O debate não poderia acontecer num momento mais oportuno. A economia da América Latina e Caribe se contraiu em 2016 e, para 2017, se projeta um tímido crescimento de 1,3%, segundo as Nações Unidas. Empoderar economicamente as mulheres abre uma possibilidade real de reverter esse cenário: estima-se que, ao superar as lacunas de gênero no mercado de trabalho, seria possível aumentar o PIB per capita, na região, em 14%.

Apesar de alguns avanços, as lacunas persistem em todos os extratos sociais. As mulheres se deparam com três realidades diferenciadas no mercado de trabalho. Num extremo, nos chamados “pisos escorregadios”, estão as mulheres mais pobres e com menores níveis de instrução, confinadas em setores de baixa produtividade e alta precariedade com escassas possibilidades de progresso. No outro extremo, estão as mulheres que desenvolveram as suas capacidades e contam com recursos para ascender a trabalhos com melhor qualidade, mas que se chocam contra os “tetos de vidro” que limitam o seu crescimento e bloqueiam seu acesso à tomada de decisões. Entre esses dois extremos, nos “degraus quebrados”, estão as mulheres com níveis médios de formação laboral, as quais não contam com cobertura ou acesso pleno à proteção social, incluindo o cuidado, e permanecem altamente vulneráveis à volatilidade do ambiente econômico.

As cifras são contundentes: os homens ganham, em média, 19% mais que as mulheres na América Latina, e 55% dos empregos das mulheres estão na economia informal.

Se isso fosse pouco, as mulheres realizam entre três e cinco vezes mais trabalho doméstico e de cuidado sem remuneração que os homens, e um terço delas não têm renda própria.

Para fazer frente a isso, são indispensáveis leis que disponham, entre outras, sobre remuneração igual para trabalho de igual valor, não discriminação por razão de sexo na contratação e proibição de assédio sexual no local de trabalho. Ademais, são necessárias medidas para reconhecer, reduzir e redistribuir o trabalho doméstico e de cuidados não remunerado, por meio do investimento em serviços básicos, infraestrutura e serviços de cuidado infantil. E é fundamental - de particular relevância para a América Latina e Caribe - , garantir os direitos das trabalhadoras domésticas, que representam 14 de cada 100 mulheres no mercado de trabalho, por meio da ratificação da Convenção 189 da Organização Internacional do Trabalho, que exige dos Estados estender-lhes os direitos trabalhistas básicos, incluindo horas extras, férias anuais remuneradas, salário mínimo e condições de trabalho seguras.

Este complexo temário é que estará diante das representantes dos governos da América Latina e Caribe, na reunião no Panamá, a qual também receberá destacadas economistas e diversas organizações e redes da sociedade civil e do movimento regional de mulheres, para contribuir à análise e ao debate, valendo-se da sua ampla experiência.

Como sempre, as expectativas são altas e é muito o que está em jogo. Não podemos reativar nossas economias de forma duradoura, se a metade da sua força de produtiva e criativa permanece em empregos mal pagos e de baixa qualidade, sem acesso à tomada de decisões e assumindo a carga do trabalho de cuidado sem remuneração, a qual se intensifica em períodos de desaceleração econômica e austeridade fiscal. Para construir economias mais justas e sustentáveis, que funcionem tanto para homens como para mulheres - e beneficiem a sociedade em seu conjunto - temos que mudar essa equação.

*Luiza Carvalho, diretora regional da ONU Mulheres para Américas e Caribe*

---

## **Luz Ribeiro: “Existe racismo dentro do feminismo”**

Entrevista com a poeta Luz Ribeiro, vencedora do campeonato brasileiro de poesia falada BR-Slam no final de 2016 para a Ponte Jornalismo.

Assista o vídeo da matéria com a slammer abaixo:

---

## **Cultura, esporte e cidadania como estratégia de empoderamento das mulheres**

A realização de projetos e parcerias foi o assunto que predominou na reunião de hoje (24) entre a secretária Especial de Políticas para as Mulheres, Fátima Pelaes, e representantes da Central Única das Favelas - Cufa, entre eles o presidente Preto Zezé.

**(SPM, 24/01/2016 - acesse no site de origem)**

“Para a SPM/MJC, abrem-se inúmeras possibilidades de trabalho por meio de parcerias com a Cufa, por ser uma organização voltada ao público jovem, feminino e negro”, considera a secretária. Preto Zezé explicou que as atividades são voltadas para todos os setores, como arte, esporte, saúde, tecnologia, educação, moda, “sempre explorando as potencialidades dos jovens de cada comunidade e incentivando o desenvolvimento de outras”.

Fátima Pelaes aposta na prevenção à violência contra as mulheres e na promoção da igualdade de direitos, exatamente com ações focadas na juventude, “onde começa a desconstrução da sociedade machista”.

Ela enfatizou que é tarefa do Estado dar oportunidade às adolescentes e jovens mulheres de sair da invisibilidade e mostrar seus talentos: “a cultura, o esporte, o empreendedorismo, entre outras áreas, são excelentes universos de empoderamento da mulher e exercício da cidadania feminina”.

Durante o encontro, SPM e Cufa concordaram que as iniciativas devem ser conjuntas, envolvendo outros órgãos do Governo que trabalham com o mesmo público, para que os resultados sejam robustos. Por isso, uma nova reunião deverá ocorrer já na próxima semana.

Também participaram Leonardo Ribeiro (Cufa/BA), Bruno Kessler (Cufa/DF), Marciele Delduque (Cufa/MG) e Kilvia Teixeira, assessora especial do gabinete da SPM.

*Comunicação Social*

---

## **O significado real do feminismo, por Barakat Adenike Sheriff**

*Exijo ser tratada como ser humano.*

[\(HuffPost Brasil, 12/12/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Estou cansada. Completamente exausta. Tenho tentado ignorar as pessoas quando fazem comentários ignorantes sobre o feminismo, contam piadas para menosprezar o movimento ou, de modo geral, o tratam como um esforço sem valor empreendido por mulheres sem valor que não sabem que a única coisa que pode lhes fazer valer alguma coisa é um homem.

Dói ainda mais quando essas declarações são feitas por mulheres, porque eu imaginaria que sua experiência de sofrer os efeitos do sexismo em primeira mão as converteria em feministas automáticas, mas acho que o sistema do patriarcado torna isso impossível, sem falar que a ignorância desempenha um papel enorme em tudo isso.

Embora a ignorância não seja uma defesa admitida pela lei, decidi me esforçar para educar as pessoas. Escrevo este artigo na esperança de que alguém o leia e compreenda o que é o feminismo e pelo que as feministas lutam.

Eu estava percorrendo minha linha do tempo quando vi este tuíte:



*(“Essa coisa feminista é um nojo. Vocês lutam pelo quê, afinal? No fim das contas ainda vão ficar à espera de um homem que as peça em casamento”)*

*O tuíte que me deixou furiosa.*

Minha reação imediata foi de raiva. Fiquei furiosa porque alguém pegou o movimento inteiro que luta pela emancipação e a igualdade das mulheres em todo o mundo e o reduziu a convidar homens para sair ou pedi-los em casamento.

Detesto que as pessoas peguem o feminismo e o reduzam a coisas tão triviais. Minha raiva se deveu especialmente ao fato de que esta semana, quando eu estava andando na rua em Yaba, cuidando de minha própria vida, um homem pôs as mãos no meu peito e disse: “Gosto de seus seios”.

Ele não tocou simplesmente - agarrou firme como se tivesse o direito de fazer isso e ainda me disse que gostava. Eu me senti tão impotente, porque ele estava cercado por outros homens que ficaram rindo e incentivando-o a continuar.

Um deles chegou a falar: “Se ela disser que não, agarre mais e aperte com força”. Me senti impotente. Não havia nada que eu pudesse fazer. Eram uns cinco homens fortões, e eu tive medo de eles me fazerem mal se eu reagisse. Então fui embora em silêncio, sem dizer nada.

Esses homens acham que têm o direito de usar o corpo das mulheres; acham que podem usar as mulheres como bem entenderem. Não é uma loucura que não exista nenhum sistema para ajudar as mulheres que diariamente são vítimas desse tipo de agressão?

No entanto, alguém pega o feminismo que tanto prezo e o reduz a sair com homens e pagar sua parte.

Percebi que ainda temos um longo caminho a percorrer para educar as pessoas sobre o que o feminismo é e não é.

Antes de continuar, quero definir os seguintes termos da maneira mais simples possível.

**Igualdade** - O estado de ser igual, especialmente em matéria de status, direitos e oportunidades.

**Feminismo** - A defesa dos direitos das mulheres, visando a igualdade entre homens e mulheres.

**Escolha** - um ato de optar entre duas ou mais possibilidades.

Todas as formas de feminismo são válidas. Toda mulher tem o direito de expressar-se como bem entender, desde que lhe sejam oferecidos os mesmos direitos e oportunidades que os oferecidos aos membros do sexo oposto.

*“O feminismo é simples como o ABC. Queremos ser tratadas exatamente como são tratados os homens.”*

O feminismo é tão simples quanto o ABC. Queremos ser tratadas exatamente como os homens. Queremos ser tratadas com o mesmo respeito e ter acesso às mesmas oportunidades.

Fundamentalmente, o movimento feminista é a mesma coisa, quer seja o movimento feminista liberal, feminista radical, o mulherismo (feminismo negro) ou o pós-feminismo. Queremos que as mulheres sejam livres para expressar-se como bem lhes aprouver, sem serem limitadas de qualquer maneira ou forma. Queremos que as mulheres tenham a oportunidade de escolher o que querem ser.

Se uma mulher decidir ser dona-de-casa, queremos que seja sua própria escolha. Sua própria decisão.

Só é possível fazer uma escolha quando você dispõe de várias opções. Vou ilustrar. Quando uma mulher opta por ser dona-de-casa, queremos que ela tenha a oportunidade de envolver-se com a força de trabalho no momento em que ela porventura queira e de receber salário igual ao dos homens.

Queremos que ela tenha a oportunidade de envolver-se na política. Queremos que ela tenha a oportunidade de ir para o espaço se for isso que ela quiser, sem que ninguém se espante nem pergunte quem vai estar cozinhando para seu marido enquanto ela estiver em Marte promovendo a causa da humanidade.

O que ela escolher entre essa lista de opções será uma decisão tomada por ela e que não cabe a mais ninguém. Se ela decidir que seu negócio é preparar cookies e cuidar do lar, ótimo! As feministas não são contra isso. Somos contra a ideia de mulheres serem reduzidas a seres

domésticos e forçadas a ser isso, sem que suas opções sejam levadas em conta.

As feministas lutam para que toda mulher no mundo tenha as mesmas oportunidades que os homens, antes de fazer sua escolha. Vale lembrar também que uma mulher pode escolher mais de uma opção. Exigimos a oportunidade de provar tudo o que quisermos do bufê da vida.

Segundo a Wikipedia:

Em 2002, a porcentagem bruta de mulheres matriculadas em escolas primárias, secundárias e terciárias foi de 57%, contra 71% no caso dos homens. Isso se traduz também em menos mulheres em determinados campos econômicos.

A porcentagem de mulheres atuantes em algumas profissões seletas foi: arquitetos, 2,4%; planejadores de custos no setor da construção, 3,5%; advogados/juristas, 25,4%; palestrantes, 11,8%; obstetras e ginecologistas, 8,4%.

Em 2016 as crianças do sexo feminino na Nigéria ainda não têm o mesmo acesso a oportunidades educacionais quanto têm as do sexo masculino, e o presidente declara que o lugar de sua esposa é na cozinha. Por que não deveríamos ficar indignadas? Isso não é motivo suficiente para ficarmos furiosas?

As mulheres ainda são sistematicamente excluídas dos locais de trabalho e sofrem discriminação no trabalho. As mulheres são vistas como funcionárias inadequadas porque engravidam e são obrigadas a tirar licença-maternidade paga, algo que é visto pelos empregadores como pouco rentável, de modo que eles preferem não empregar mulheres.

As mulheres recebem salários menores que os dos homens que exercem papéis semelhantes em organizações, porque “os homens são mais responsáveis”.

O casamento infantil ainda acontece amplamente na Nigéria. Recentemente o emir de Katsina sequestrou uma menina de 14 anos, uma garota que era adolescente havia apenas um ano, casou-se com ela e diz que o casamento é “irrevogável”.

Se o emir pode fazer algo assim abertamente, imagine o que não fazem homens analfabetos no norte do país. Praticam a pedofilia abertamente e ficam completamente impunes.

*“Exijo ser tratada como ser humano e nada menos que isso e vou lutar para que outras mulheres recebam o mesmo tratamento.”*

As mulheres estupradas na Nigéria ainda são expostas ao opróbrio, tratadas como se a culpa fosse delas. O sistema simplesmente não ajuda. Em toda a história de nosso sistema legal houve menos de 18 casos de estupro em que o responsável foi condenado. O primeiro instinto das pessoas é proteger o estuprador e sua “reputação”.

O nível de violência doméstica é alto na Nigéria. O governo estadual de Lagos promulgou leis para proteger as mulheres contra isso, mas quantos outros Estados já fizeram o mesmo?

Mulheres são vítimas de grande injustiça todos os dias na Nigéria. Mas há quem pense que o feminismo diz respeito a quem paga a conta quando duas pessoas saem para namorar ou quem prepara a comida em casa.

Tudo o que pedimos é para ser tratadas do mesmo modo como são tratados os homens

nigerianos e receber o mesmo respeito e as mesmas oportunidades que eles. Não quero ser humilhada por causa de minha sexualidade, quando isso não acontece com garotos de minha idade.

Quando recebo prêmios por ótimo desempenho acadêmico, não quero que me façam perguntas tipo “como você lida com os meninos e a escola?”.

Exijo ser tratada como ser humano e nada menos que isso. E vou lutar para que outras mulheres recebam o mesmo tratamento.

Sou feminista e estou revoltada. Não vou parar de estar revoltada enquanto não me derem o tratamento correto que eu mereço e enquanto o mesmo tratamento não for dado a mulheres em toda a Nigéria, independentemente de sua origem socioeconômica.

*\*Texto originalmente publicado no [Medium](#).*

---

## **Empreender, um caminho para as mulheres no comando de suas vidas**

*Escola de Você, da jornalista Ana Paula Padrão, tem foco no autoestima e perseverança feminina. Empreendedoras multiplicam a revolução das mulheres*

**(El País, 10/12/2016 - acesse no site de origem)**

Há quatro anos, Ana Lúcia Fontes, idealizadora da Rede Mulher Empreendedora recebeu um email de uma associada agradecendo, pois sua participação na rede a ajudou a se separar do marido. “Fiquei sem dormir, pensando que estava causando divórcios”, conta Ana Lúcia. Após ligar para a mulher, ela entendeu o que aconteceu. “Como seu pequeno negócio estava dando certo, e empreendedora conseguiu ter renda para se sustentar e sair de uma relação abusiva”, conta Ana Lúcia.

Histórias de como a [abertura de um pequeno negócio](#) ajudou mulheres a mudar radicalmente a sua vida são comuns na realidade daqueles que trabalham com [empreendedorismo](#). Na Rede, as mulheres dividem suas dificuldades em gerenciar os custos de suas empresas e as expectativas quanto ao potencial ao negócio. “E aprendemos como é importante [uma mulher ajudar a outra](#) neste processo”, afirma Ana Lúcia.

A apresentadora e jornalista Ana Paula Padrão é das mulheres que decidiu entrar no “negócio” de transformar vidas através da Escola de Você, um programa educacional online e presencial que atua com o empoderamento feminino. Ser independente para poder fazer suas próprias escolhas, sempre foi um lema para Ana Paula. Mas, infelizmente, ela sabia que isto não fazia parte da realidade de muitas mulheres no Brasil. Foram anos de pesquisa até entender que o descompasso entre a [formação](#) das mulheres e as chances reais de conseguir um emprego nem sempre estava no currículo. “De acordo com pesquisa da Universidade Stanford, 65% das contratações e promoções têm como base características pessoais, como [autoestima](#),



perseverança, flexibilidade”, afirma Ana Paula.

Num mundo programado para diminuir a figura feminina, a Escola de Você é um contraponto. Afinal de contas, a teoria econômica pode ser igual para homens e mulheres, mas o modo de se tornar visível e respeitado, não. “Trabalhamos com dramatizações de situações cotidianas, com base em um leque de problemas que, muitas vezes, as mulheres sequer sabem que têm”, afirma a Ana Paula.

Um exemplo são os treinamentos para [administração de carreira](#). Os cursos trabalham conceitos de como conviver no ambiente profissional, como não se sentir inferiorizada ou inferiorizar uma companheira de trabalho, como fazer valer a sua opinião sem parecer agressiva, ou não parecer humilde demais. A Escola de Você já capacitou 260.000 mulheres em todo o Brasil.

## Ocupando espaços

De acordo com Ana Lúcia Fontes, da Rede, nos últimos dois anos aumentou o número de mulheres que estão [empreendendo nas áreas de serviços e comércio](#). Muitas começam dentro de casa, apenas com uma ideia, e encontram no empreendedorismo a possibilidade de ganhar autonomia financeira. “Quando você compra de uma mulher empreendedora, não é o bônus de um executivo que você está garantindo, mas a subsistência de uma família”, lembra Ana Lúcia.

Uma dessas empreendedoras é Buh D’Angelo, que, diante da dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, criou a [Infopreta](#), empresa de manutenção, reciclagem e venda de equipamentos eletrônicos, focada no atendimento às mulheres. Com formação técnica em eletrônica, automação industrial, manutenção, tecnologia da informação e robótica, Buh cansou da falta de oportunidade e decidiu empreender juntamente a outras profissionais negras. “As empresas de tecnologia ignoram mulheres negras, especialmente as que estão fora do padrão”, lembra Buh.

Juntamente com suas sócias, Buh hoje tem grandes planos para Infopreta: expandir e oferecer cursos para capacitar outras profissionais. Alguém dúvida de que elas serão capazes?

As empreendedoras participaram do seminário “Brasileiras - Como elas estão mudando o rumo do país”, que aconteceu no dia dois de dezembro, em São Paulo. Realizado pelo EL PAÍS em parceria com o Instituto Locomotiva, o evento contou com patrocínio do Banco Santander, Camil e Boticário, e apoio da ONU Mulheres.

---

## [Um cordão de mulheres fura o bloqueio machista em 2016](#)

*Líderes, coletivos e executivas travam batalha para mudar a história da condição feminina no país, denunciando ainda o irmão gêmeo do machismo: o racismo*

[\(El País, 10/12/2016 - acesse no site de origem\)](#)

O ano de 2016 não parou de chacoalhar o Brasil um minuto sequer com a política que virou o país de ponta cabeça. As notícias diárias desse tsunami político, porém, têm ofuscado um outro terremoto que parece abrir um capítulo novo na história brasileira. Atende por nome de 'mulher'. Melhor dizer, de mulheres. Um cordão formado por elas, brasileiras, mais aguerridas do que nunca, decididas a começar a quebrar a inércia ancestral do machismo, e seu nefasto irmão gêmeo, o racismo. Basta uma olhada nos números do IBGE para saber que um homem branco ganha mais que uma mulher branca, que por sua vez ganham mais que uma mulher negra. Um efeito cascata avassalador.

É contra esse quadro que líderes, coletivos, executivas e instituições como a Organização das Nações Unidas estão atentas para dar voz à mudança exigida de cima para baixo e de baixo para cima. "O patriarcado tem data para terminar: 2030, que é o prazo que queremos ver todas as mulheres ocupando todos os espaços", afirma Nadine Gassman, representante da [ONU Mulheres no Brasil](#), que tem chefiado campanhas pelo fim da violência contra as mulheres em toda a América Latina.

A briga ainda mal começou, e já se sabe que esta será uma batalha eterna e necessária por gerações. Mas 2016 já deixou provas de que não se pode mais mexer com essas moças como antes. Alguns exemplos? Mal assumiu o Governo interinamente em maio, o presidente Michel Temer se viu às voltas com [a fúria coletiva feminina por não ter nomeado](#) sequer uma mulher para o seu ministério. Nenhum negro também. Foi um escândalo, muito bem retratado e amplificado nas redes sociais e no noticiário. Tão forte que Temer se viu obrigado a correr para chamar mulheres para cargos de poder, que atenuassem o erro de cálculo político. Amenizou um pouco com a indicação de Maria Silva Bastos para a presidência do BNDES e Flavia Piovesan na secretaria de Direitos Humanos. Mas o estrago já tinha sido feito. O rótulo da misoginia e racismo ficou no Governo Temer.

Em outro episódio naquele mesmo mês, no caso do estupro coletivo descoberto no Rio de Janeiro, o caldo do poder feminino engrossou de vez. [O delegado que conduzia a investigação](#) insinuou que a vítima seria cúmplice da violência que sofrera quando, dopada, foi estuprada por ao menos seis pessoas. O escândalo que derivou de suas declarações machistas e equivocadas obrigou a polícia do Rio a tirá-lo da investigação e substituí-lo pela delegada Cristiana Bento que em um dia já trazia o bom senso de volta. A jovem de 16 anos foi vítima de um crime cruel e hediondo, inflando as estatísticas de violência contra a mulher.

As brasileiras definitivamente não ficam mais silenciosas com a indiferença que lhes chega e começaram a incomodar até transformar algumas situações escandalosas. "O incômodo é necessário e importante para a mudança. Se a gente não se incomoda as pessoas acham que está tudo bem, quando a realidade é desigual e violenta", diz Djamila Ribeiro, secretária de Direitos Humanos da cidade de São Paulo.

Em 2015, o coletivo Think Olga já havia colaborado com a primavera feminina e/ou feminista quando incentivou a campanha [#primeiroassedio nas redes](#). Foi uma verdadeira reviravolta. A coragem de umas foi contagiando outras, e uma onda solidária e de reconhecimento mútuo invadiu o coração das brasileiras que expuseram seus casos publicamente. Não volta atrás.

"O Brasil é o quinto país mais violento do mundo, mas vejo um aumento da solidariedade para os casos de violência contra a mulher", diz Gabriela Manssur, promotora de Justiça,

comprometida com campanhas de esclarecimento contra a violência de gênero. Manssur é uma das que integram o cordão de mulheres que tomaram como sua a briga pelo respeito e a justiça da [ONU Mulheres no Brasil](#), é outra, e a secretária de Direitos Humanos de São Paulo, Djamila Ribeiro, também. As três participaram do evento “Brasileiras: como elas estão mudando o país”, idealizado pelo EL PAÍS, em parceria com a agência Locomotiva, realizado no último dia 2, que reuniu uma parte delas para dizer o óbvio. As mulheres mudaram, e é preciso reescrever a relação com elas.

## **E nas empresas e na propaganda também**

O caminho, porém, é longo, e demanda um olhar severo e minucioso por todos os setores. Nas empresas que pagam menos para funcionárias mulheres – e menos ainda para negras – ou que não contam com uma política de ascensão a cargos estratégicos para elas. Na Justiça que fecha os olhos e culpa as mulheres em casos de estupro. E na política, onde a presença feminina é minúscula.

“Sou um homem branco, de 39 anos, paulistano e com curso superior, e só por ser quem sou, ganho 69% a mais do que uma mulher branca, paulistana e com superior completo”, ironiza Renato Meirelles, presidente da agência Locomotiva, que desenvolveu diversas pesquisas mostrando as distorções sociais que as mulheres vivem no Brasil de hoje.

O start pela mudança já começou em algumas companhias. “As mulheres entenderam que elas podem, mas o caminho é longo, pois ainda temos muito o que fazer”, diz Vanessa Lobato, vice-presidente de recursos humanos do Banco Santander. O banco tem um programa de fortalecimento de lideranças femininas, tomando como exemplo a presidenta atual do Santander no mundo, Ana Patricia Botín.

A naturalização do machismo se vê retratado e legitimado em todos os campos, incluindo a publicidade, e o marketing que chega às nossas casas diariamente, apesar de 40% dos lares no Brasil serem chefiados por mulheres. Mas elas já não ficam mais quietinhas. Ao contrário, dezenas de empresas encararam verdadeiras crises de imagem ao continuar trabalhando como antes, quando uma massa de mulheres já deu o seu basta definitivo.

Bem antes de Temer e do caso do estupro coletivo no Rio, diversas empresas já sentiam na pele o que é ser massacrado nas redes sociais pelo público feminino, que se sentiu ofendido, ou não se viu representado em algum de seus comerciais ou ações de marketing. [Em fevereiro deste ano, a empresa](#) canadense DryWorld teve noção do tamanho desse movimento no Brasil – espontâneo, diga-se de passagem —, quando uma camiseta da sua marca trazia na sua etiqueta a mensagem “Give it to your wife” (Dê para sua mulher) sobre aquele minúsculo símbolo das instruções de lavagem que toda roupa carrega. A ironia dessa história: a etiqueta estava costurada na camiseta do time Atlético Mineiro, ou seja, um reduto masculino, num dos Estados mais machistas do país. A DryWorld integra o time de fornecedores do Galo. As redes sociais pegaram fogo e execraram o time e a sua camiseta.

A reação feminina foi tão grande que obrigou o Atlético e a própria empresa fornecedora a pedir desculpas publicamente às mulheres brasileiras, mostrando que até nesse mundo aparentemente fechado do futebol o bloqueio começa a ser furado. Muitas outras empresas tiveram de pedir “sinceras desculpas” em 2016. Também a grife de roupas Maria Filó, que se viu no olho do furacão quando permitiu a venda de uma camiseta da sua marca com a estampa de um estereótipo maldito, o de mulheres negras escravas, trabalhando para mulheres

brancas.

As 'bofetadas virtuais', [seja contra o Governo](#), ou contra empresas, têm vindo cada vez mais rápido, promovendo minúsculas mudanças, num mundo distorcido, como mostrou a pesquisa da agência Locomotiva. Milhões de transformações ainda são necessárias para transformar a realidade com a profundidade necessária, mas uma coisa é certa: a onda feminina já quebrou, e agora não volta atrás. (colaborou Regiane de Oliveira)

---

## **[Seminário propõe pauta de interesse das mulheres ao Congresso Nacional em 2017](#)**

O combate à violência e a elaboração de uma proposta de agenda de interesse das mulheres ao Congresso Nacional estarão em debate no [seminário Mulheres no Poder: Diálogos sobre Empoderamento Político](#), Econômico e Social e Enfrentamento à Violência, que será realizado de 13 a 15 de dezembro em Brasília. Organizado pela Procuradoria Especial da Mulher do Senado Federal, em parceria com o Banco Mundial e a ONU Mulheres, o encontro reunirá legisladoras, legisladores, representantes dos setores público e privado, entidades do movimento organizado de mulheres e organismos internacionais.

**[\(ONU Mulheres, 05/12/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

De acordo com a senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), procuradora especial da mulher do Senado, a intenção da bancada feminina é divulgar iniciativas legislativas em análise no Congresso e colher propostas dos movimentos organizados de mulheres para fortalecer a ação da bancada. "Queremos encerrar 2016 com sugestões ao Parlamento brasileiro de compromisso pela manutenção e aumento dos direitos das mulheres em 2017", explica a procuradora.

"Precisamos fazer avançar a agenda de direitos das mulheres brasileiras, na sua diversidade, garantindo o aumento da participação política delas nas tomadas de decisão, enfrentar as desigualdades de gênero e raça que se acentuam nas crises econômicas e incentivar mais compromisso das autoridades e instituições com as políticas para as mulheres e orçamento para as políticas públicas", afirma Nadine Gasman, representante da ONU Mulheres Brasil.

Segundo Martin Raiser, diretor do Banco Mundial no Brasil, "a legislação brasileira em defesa dos direitos das mulheres e da igualdade entre os gêneros está entre as mais avançadas do mundo, mas muito ainda precisa ser feito para fazer valer a lei, a começar por uma maior participação de mulheres nos parlamentos, onde as brasileiras ainda possuem baixa representação quando comparadas a outros países da América Latina". Para Raiser, "a igualdade de gênero, enquanto direito humano e política de desenvolvimento sustentável, é compromisso do Banco Mundial, que tem apoiado a Procuradoria Especial da Mulher do Senado Federal e da Câmara dos Deputados em seus esforços para promover uma legislação que leve em conta as questões de gênero e o seu monitoramento".

O encontro será dividido em quatro painéis temáticos onde serão discutidos indicadores de violência contra a mulher, por meio de experiências nacionais e internacionais de Observatórios de Monitoramento da Violência de Gênero; a presença das mulheres no universo político; o empoderamento feminino no setor privado; e a pauta de reivindicações do movimento organizado de mulheres e entidades do terceiro setor.

Uma palestra sobre orçamentos sensíveis a gênero, na qual serão conhecidas iniciativas referentes à dotação eficiente de recursos públicos e transparência na prestação de contas em favor da equidade gênero, encerrará o evento.

Todas as mesas contarão com a presença de parlamentares, mediadoras(es) e relatoras(es), que deverão sistematizar a discussão de cada painel e produzir o documento final, a ser apresentado às lideranças do Congresso Nacional em favor da promoção do empoderamento feminino em todos os setores da sociedade.

Solenidade de abertura - O seminário terá início no dia 13 de dezembro (terça-feira), às 19h, no Museu da República.

Na oportunidade, entidades e órgãos promotores, autoridades e lideranças darão boas-vindas às delegações. A abertura do evento também será palco para o lançamento de quatro livros de mulheres estudiosas do tema de igualdade de gênero e empoderamento feminino.

Após o ato, ocorrerá a premiação do concurso de vídeos por celular "Um minuto contra a violência", promovido pela Comissão Permanente Mista da Combate à Violência contra a Mulher. A cerimônia será encerrada com uma apresentação cultural para celebração e conagração entre participantes.

Os trabalhos dos painéis ocorrerão nos dias 14 e 15 de dezembro no Auditório Petrônio Portella do Senado Federal, nos períodos da manhã e da tarde.

A programação completa pode ser acessada na página do Seminário:  
[www.seminariomulheresnopoder.com.br](http://www.seminariomulheresnopoder.com.br)

Assessoria de imprensa - Procuradoria da Mulher do Senado  
Lunde Braguini e Ramila Moura  
Telefones: (61)3303.1713 e 3303.1714

Assessoria de Comunicação - ONU Mulheres Brasil  
Isabel Clavelin - [isabel.clavelin@unwomen.org](mailto:isabel.clavelin@unwomen.org)  
(61) 3038.9140 | 98175 6315

---

## **[Cartilha da Artigo 19 orienta mulheres sobre direitos e acesso à informação](#)**

*Publicação traz dados sobre a situação dos direitos das mulheres no Brasil e também*

*recomendações ao poder público sobre medidas a serem tomadas para o setor*

**[\(Rede Brasil Atual, 05/12/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

Para conectar o direito à informação com os direitos das mulheres, a ONG Artigo 19 lançou hoje (5) a [cartilha “Acesso à Informação e Direitos das Mulheres”](#). A publicação faz parte da campanha “16 dias de Ativismo pelo Fim da Violência Contra as Mulheres”, iniciada no último dia 25.

A cartilha oferece estudos sobre a situação da mulher no Brasil e também traz recomendações aos governantes sobre medidas a serem tomadas. Além disso, o texto aborda temas como os direitos reprodutivos e sexuais femininos, além do aborto.

A publicação possui um guia detalhado sobre como utilizar a Lei de Acesso à Informação para se conseguir informações junto a órgãos públicos. Segundo a responsável pela elaboração da cartilha, Bárbara Paes, o projeto é um elemento importante para o combate à discriminação de gênero.

“O acesso à informação possibilita que as mulheres tomem decisões mais informadas e eficazes relacionadas aos seus direitos, em áreas como educação, saúde, trabalho, direitos sexuais e reprodutivos. Por isso, é essencial que o Estado brasileiro não meça esforços na elaboração de políticas públicas que possibilitem um maior acesso à informação pelo público feminino.”

---

## **[EL PAÍS e Locomotiva debatem papel cada vez mais ativo das mulheres no Brasil](#)**

*Evento “Brasileiras - como elas estão mudando o país” discute como as mulheres assumiram protagonismo no país este ano*

**[\(El País, 30/11/2016 - acesse no site de origem\)](#)**

Você sabia que no Brasil há atualmente mais de 105 milhões de mulheres? E que só neste ano a massa de renda delas deve atingir 1,584 trilhão de reais, o equivalente ao PIB da Suécia ou da Bélgica? Ou que a massa de renda das mulheres aumentou 83% na última década, enquanto que a dos homens cresceu 45%? Estes dados refletem o protagonismo inédito que as mulheres assumiram no Brasil do ponto de vista econômico e social, a ponto de modificar o curso de decisões políticas. Basta ver como o protesto feminino contra o ministério inicial de Michel Temer, composto somente por homens, fez com que ele recuasse rapidamente, buscando integrantes do sexo feminino. Ou o papel do protesto feminino para elucidar um caso de estupro coletivo no Rio neste ano.

A influência das mulheres na sociedade é cada vez mais forte, mas ainda há desafios a serem discutidos. Nesta sexta-feira (2), o evento ***Brasileiras - como elas estão mudando o rumo do país*** vai debater sobre mulheres no poder, empreendedorismo, histórias de superação, maternidade e trabalho, ativismo na rede e comunicação.

Realizado pelo EL PAÍS em parceria com o Instituto Locomotiva, o evento apresentará uma pesquisa inédita sobre o panorama atual da mulher brasileira e seus diversos papéis na sociedade. Nas palestras e mesas de debates estarão reunidos especialistas que inspiram e contribuem com o empoderamento das mulheres no Brasil.

## **Serviço**

- Quando:

02 de dezembro de 2016, das 08:30 às 17:30

- Local do evento:

Auditório da Sede do Banco Santander em São Paulo

Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 2235 - Mezanino

- Inscrições: <https://goo.gl/D07xHc>

Vagas limitadas, após inscrição, aguardar E-mail de confirmação.

## **Sobre o EL PAÍS Brasil**

O EL PAÍS faz parte do Grupo Prisa, um dos maiores grupos de comunicação da atualidade, e é o maior jornal em língua hispânica no mundo (considerando papel e digital). Sua versão digital em português foi lançada no final de 2013 e hoje já conta com 6,5 milhões usuários únicos mensalmente. De acordo com o ranking de audiência da comScore, o EL PAÍS está no Top 10 de jornais digitais no Brasil desde setembro de 2015.

## **Sobre o Instituto Locomotiva**

O Instituto Locomotiva tem o compromisso de mostrar que existem pessoas e histórias por trás de cada número e transformar resultados de pesquisas em conhecimento e estratégia, ampliando as possibilidades das empresas e instituições, e contribuindo para a construção de identidade entre elas e seus públicos. A Locomotiva acredita que pesquisa não pode ser apenas um retrato de um momento e com isso, busca entender o que nos trouxe até aqui, quais são as tendências e oportunidades para os próximos anos. O Instituto se propõe a olhar para frente e ir além do simples diagnóstico, atuando ao lado do cliente e oferecendo soluções que estabeleçam caminhos promissores de atuação.